

**GRAU 26**

**ANTHONY E. ZUIKER**  
COM DUANE SWIERCZYNSKI

# GRAU 26

**A ORIGEM DO MAL**

Tradução de  
S. DUARTE




EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2009

*Para Susan Kennedy, minha nova parceira no mundo do crime*

## Sumário

Prólogo	11
Primeira parte	21
Segunda parte	155
Terceira parte	333
Epílogo	417

uem trabalha com temas policiais conhece a classificação de homicidas em 25 graus de perversidade, desde o oportunista ingênuo do primeiro grau até os assassinos torturadores, premeditados e metódicos, que povoam o vigésimo quinto.

Poucos, no entanto, com exceção dos membros do grupo anônimo de investigadores encarregados de perseguir os matadores mais perigosos deste mundo — uma equipe de homens e mulheres que não figuram nos registros oficiais —, sabem que está sendo definida uma nova categoria de assassino, à qual somente um homem pertence.

Vítima:

qualquer pessoa.

Métodos:

qualquer um.

Pseudônimo:

Sqweegel.

Categoria:

**grau 26.**

PRÓLOGO

O dom

## Roma, Itália



monstro havia se escondido em algum lugar da igreja e o agente compreendeu que finalmente o havia encontrado. Tirou os sapatos tão silenciosamente quanto possível e os colocou sob a mesa de madeira do vestibulo. As solas eram de borracha, mas mesmo assim poderiam fazer ruído sobre o piso de mármore. Até aquele momento, o monstro não sabia que estava sendo seguido, ao menos pelo que o agente podia perceber.

A caçada já durava três anos. Não havia fotografias do monstro e nenhuma prova física de qualquer tipo. Capturá-lo era o mesmo que tentar pegar fumaça com as mãos. A energia da tentativa faria com que ela se dissipasse, voltando a integrar-se em algum outro lugar.

A perseguição o levava a percorrer o mundo: Alemanha, Israel, Japão, Estados Unidos. E agora ali, em Roma, numa igreja barroca do século XVII dedicada a *Mater Dolorosa*, ou Nossa Senhora das Dores.

O nome era adequado. O interior da igreja estava sombrio. Empunhando o revólver com as duas mãos, o agente avançava, evitando fazer barulho ao longo das paredes amareladas.

Na porta da igreja havia um letreiro informando que o templo estava fechado para reforma. O agente conhecia o suficiente a língua

italiana para compreender que estavam em curso obras de restauração do afresco de quatrocentos anos da cúpula interna.

Andaimes. Penumbra. Sombras. Era um habitat natural para o monstro. Não é de surpreender que o tivesse escolhido, apesar de se tratar de um espaço sagrado de culto.

O agente chegara à conclusão de que o monstro não respeitava limite algum. Mesmo em tempos de guerra, as igrejas e templos eram considerados santuários, lugares seguros de refúgio para quem buscasse o consolo divino nas horas mais sombrias.

Passando pelos suportes metálicos da base dos andaimes, o agente tinha certeza de que o monstro estava ali. Era capaz de *sentir* na própria pele.

Não acreditava no sobrenatural e não se dizia possuidor de capacidade mediúnic. Porém, quanto mais perseguia o monstro, mais se sentia em sintonia com sua onda maléfica. Esse dom lhe dera uma vantagem sobre qualquer outro investigador na caçada ao monstro, mas isso tinha um preço. Quanto mais seu cérebro sintonizava a insanidade do outro, mais ele perdia o contato com a normalidade. Havia começado a suspeitar de que aquela perseguição obstinada poderia vir a causar sua própria morte, mas tratara de descartar essa ideia.

Ao ver a vítima mais recente, a poucos quarteirões dali, o agente recuperara a concentração. O espetáculo do sangue, da pele dilacerada, das vísceras fumegantes ao ar frio da noite e das gotas de gordura, como pingentes pendentes dos músculos expostos, mais tarde causariam vômitos aos primeiros observadores. Não ao agente, que se ajoelhara e sentira o fluxo estimulante da adrenalina quando tocou o cadáver com as grossas luvas de látex e percebeu que ainda estava morno.

Era sinal de que o monstro estava próximo.

O agente tinha certeza de que ele não podia estar longe; o monstro adorava esconder-se e divertir-se com as consequências de seus atos. Era sabido que chegara a aproximar-se disfarçadamente da cena do crime enquanto os policiais o amaldiçoavam.

Por isso, o agente se postou no pequeno pátio perto do cadáver e deu rédea livre aos pensamentos. Não usou lógica dedutiva, nem raciocínio inquisitivo, nem instinto, nem palpites. Em vez disso, pensou: *Se eu fosse o monstro, para onde iria?*

Relanceou o olhar pelos telhados, e ao ver a cúpula brilhante teve imediata certeza. *Para lá. Iria para lá.* Não havia a mínima dúvida em sua mente. Tudo terminaria naquela noite.

Movia-se agora silenciosamente por entre os bancos de madeira da igreja e as barras de metal dos andaimes, empunhando a pistola, com todos os sentidos em agudo estado de alerta. O monstro podia ser como a fumaça, mas até mesmo a fumaça tinha aparência, aroma e gosto.

O monstro fitava o alto da cabeça de seu perseguidor. Estava agarrado a uma das tábuas manchadas de tinta do andaime, segurando-se nas frestas entre as placas de madeira com os dedos longos e fortes das mãos e dos pés.

Quase desejava que o caçador olhasse para cima.

Muitos o haviam perseguido ao longo dos anos, porém nenhum como aquele. Aquele era especial. Diferente.

De certa forma, ele o conhecia bem.

Por isso queria olhar novamente seu rosto, em carne e osso. Não porque não conhecesse os traços de seus perseguidores. O monstro possuía muitas fotografias e filmagens de todos eles em ação, nos quintais de suas casas, abastecendo seus carros em postos de gasolina, levando os filhos a espetáculos esportivos, comprando bebidas alcoólicas. Tinha estado suficientemente perto para registrar seus cheiros, o tipo de loção que usavam após barbear-se, a marca de tequila que preferiam. Isso fazia parte de seu jogo.

Até pouco antes achava que aquele era simplesmente mais um. Aos poucos, no entanto, o perseguidor começou a surpreendê-lo, avançando como nenhum outro antes, chegando mais próximo do que todos

os demais. Tão próximo que o monstro deixara de se preocupar com os outros, concentrando-se nas fotos que tinha daquele, observando-as e procurando descobrir quais seriam seus pontos vulneráveis. Uma foto, no entanto, não era o mesmo que uma figura da vida real. O monstro queria estudar o rosto daquele agente enquanto ainda respirava, perscrutava o ambiente e enchia as narinas com os aromas a seu redor.

Depois, ele o mataria.

O agente olhou para cima. Era capaz de jurar que tinha visto algo movendo-se lá no alto, nas sombras dos andaimes.

A cúpula acima dele representava um estranho capricho da arquitetura do século XVII. Era adornada com dezenas de janelas de vidro colorido que recolhiam toda a luz externa e a lançavam ao ponto mais alto da cúpula, como se exaltassem Deus com seu próprio fulgor. À plena luz do sol seria fascinante. Naquela noite, a lua cheia conferia às vidraças um brilho fantasmagórico, mas tudo o que ficava abaixo da cúpula, a partir da abóbada, estava envolto em sombras dramáticas. Era um lembrete perfeito do lugar que o homem ocupa no universo — embaixo, na penumbra do desconhecido.

A cúpula ostentava como adorno um panorama celestial, com querubins flutuantes, arautos e nuvens, como uma tentação ainda maior para os seres humanos.

Espera.

Com o canto do olho, o agente percebeu um fio de luz branca passando e o leve ruído de algo que parecia borracha.

Lá. Próximo ao altar.

*Esse caçador é bom de verdade, pensou o monstro em seu novo esconderijo. Venha me buscar. Venha, deixe-me ver seu rosto antes que eu o arranque de seu crânio.*

O silêncio era tão absoluto, que parecia a pulsação, algo vivo, que envolvia a igreja. O agente se movia com rapidez, Tateando com as mãos, subindo pelo andaime tão silenciosamente quanto possível, com a arma enfiada na cartucheira aberta a tiracolo, pronta para ser empunhada em um segundo. A madeira era áspera e cheia de farpas sob seus dedos que apalpavam; sentia os restos de poeira e aço sobre as traves.

Lentamente ele se esgueirou subindo mais uma plataforma, cada vez mais alto, procurando algum reflexo ou indício do monstro, mas havia muito pouca luz. Respirando com rapidez ergueu o corpo até mais um nível, procurando desesperadamente espreitar além do limite da tábua, expondo a cabeça e o pescoço ao desconhecido. Se pudesse enxergar...

*Estou vendo você, pensou o monstro. Você me vê?*

Foi então que ele o viu.

Pela primeira vez o agente viu o rosto do monstro. Dois olhos que pareciam contos o miravam em uma face sem expressão, como se alguém tivesse apagado com um ferro quente as características de sua fisionomia... exceto os olhos.

Em seguida o vulto desapareceu, escalando rapidamente a extremidade do andaime, como uma aranha que subisse por um fio de sua teia.

O agente deixou de lado a prudência. Perseguiu o monstro com uma rapidez que o surpreendeu, erguendo-se pelas traves do andaime e as extremidades das tábuas como se estivesse se exercitando em algum curso do FBI na Virgínia.

Lá estava ele novamente — um membro pálido passando pelo lado externo de uma plataforma, dois níveis acima do dele.

O agente subiu com mais vigor, mais depressa, mais freneticamente. O monstro se aproximava da cúpula celeste. Ali, porém, não havia saída. Não havia por onde escapar, a não ser ao nível do chão.

Pela primeira vez em muitas décadas o monstro sentiu medo de verdade. De que maneira o caçador o havia descoberto? Como podia ser tão destemido a ponto de segui-lo até aquela altura?

A expressão fisionômica do caçador era diferente agora. Não era um simples policial encarregado de assegurar o respeito à lei que seguira seu instinto e aproveitava um lance de sorte. O monstro teria estremecido de excitação caso não houvesse reduzido a velocidade de sua subida.

Durante um momento de glória o monstro ficou sem saber o que aconteceria em seguida. Recordou-se dos tempos de infância. Bastavam alguns gramas de pressão no gatilho do caçador e a trajetória correta poderia significar o fim. O monstro podia ter muitos recursos, mas não era imune às balas.

*Vai acabar tudo aqui? Vai ser você o autor de minha morte?*

O agente o encurralara.

Sentiu a tábua estremecer acima dele, no último degrau do andaime abaixo da cúpula. O agente passou pelas duas últimas traves horizontais. Empunhou a arma.

Ali estava ele, deitado na plataforma mais alta. Passou-se um momento em que o agente fitou na penumbra os olhos do monstro e este por sua vez o encarou. O que passou entre eles durou o tempo de uma pulsação do coração, impossivelmente curto e no entanto inconfundível — o reconhecimento primitivo entre o caçador e sua presa no momento do clímax, quando um dos dois canta vitória e o outro se deixa cair morto.

O agente disparou dois tiros, mas não saiu sangue. O monstro parecia ter explodido.

Bastou uma fração de segundo para que o policial reconhecesse o som do vidro estilhaçado e entendesse que tinha atirado contra um espelho, sem dúvida colocado ali para auxiliar os peritos nas tarefas de restauração. Aquele erro poderia ter sido fatal. Mas ao virar-se para atirar novamente já sabia que o monstro não estaria mais ali; ouviu-o quebrar uma das janelas de vidro e escapar para o telhado da igreja. Houve uma chuva de estilhaços coloridos, ferindo-o abaixo de um dos olhos, mas ele ergueu a arma e disparou a esmo pela abertura da janela. A bala se perdeu, subindo para o céu. Ouviu-se um ruído de passos rápidos correndo pela face externa da cúpula... e depois mais nada.

O agente desceu às pressas a estrutura do andaime, mas no íntimo sabia que era inútil. O monstro estava à solta nos telhados de Roma, uma nuvem invisível de fumaça subindo e desaparecendo, deixando somente um rastro leve e persistente para mostrar que estivera ali.

PRIMEIRA PARTE


O homem vestido  
de assassino

Dois anos depois



## Capítulo 1

Algum lugar nos Estados Unidos / Quarto de costura  
Sexta-feira / 21 horas.

 homem de rosto anguloso, esquelético como um fantasma, a quem o FBI dera o nome de “Sqweegel”, trabalhava febrilmente na máquina de costura que tinha sido da avó. O farfarhar obsessivo trovejava no pequeno quarto do segundo andar.

*Tchac-tcha-tchac-tchac-tchac-tchac-CHAC-CHAC.*

*TCHAC.*

*TCHAC.*

*TCHAC.*

Com o pé descalço e pequeno, Sqweegel apertava o pedal. Tinha as unhas dos pés manicuradas, assim como as das mãos. Uma luminária de mesa lhe iluminava o rosto de expressão decidida. Com as mãos delicadas ele empurrava o tecido, dirigindo o pano em torno do zíper para a cabeça de metal que vibrava, aplicando as costuras. Tinha de fazer aquilo da maneira correta.

Não, nada disso.

Tinha de ser *perfeito*.

As peças esquentadas da máquina faziam com que o cômodo cheirasse a queimado; o sangue tinha odor de moedas de um centavo.

O tecido ainda tinha manchas escuras de sangue parcialmente seco. Era um pano resistente, mas não indestrutível. O zíper tinha se engastado em alguma aresta bem pontiaguda que produzira um rasgão no pano preto ligado ao restante da roupa de látex. Não houve perda de sangue; no máximo um arranhão em poucas camadas de epiderme. Mesmo assim, aquilo era demais. Ele retirara o isqueiro da bolsa de instrumentos e aproximara a chama ao metal até desaparecerem quaisquer células de pele ainda presas ali. Não devia deixar nada seu. Depois voltaria para casa.

Agora estava consertando o rasgão.

Aquilo o havia preocupado durante todo o trajeto até sua casa, ao vir do apartamento da prostituta nos arredores da cidade. Antes de guardá-lo em seu estojo, Sqweegel tinha tentado recolocar o pedaço de pano em seu lugar, mas sem sucesso. Fechou o estojo e procurou esquecer aquilo. Impossível. Via em sua imaginação o pequeno trapo desfiado pendente da roupa, como uma bandeira negra congelada em uma lua sem atmosfera. Pensando naquilo quase encostou o carro na margem da estrada para poder abrir a mala e ajustar o pano.

Resistiu ao impulso de fazê-lo. Sabia que era uma tolice e sabia que em breve estaria em casa.

Tão logo fechou a porta da frente atrás de si, Sqweegel levou a roupa para o quarto de costura. Era preciso tratar daquilo imediatamente.

Sqweegel usou a máquina da avó porque ela funcionava perfeitamente, tal como no dia em que fora encomendada pelo catálogo da Sears Roebuck de 1956. Era marca Kenmore, modelo 58, e tinha custado 89,95 dólares. Costurava para a frente e para trás, com uma lâmpada embutida. Era apenas necessário azeitar as partes móveis do maquinismo e limpar bem o exterior de vez em quando. Tendo cuidado, tudo podia durar para sempre.

Como a roupa.

O pé pequeno fez parar a máquina. A cabeça metálica se imobilizou completamente ao fim do ciclo. Ele se curvou até aproximar bem os olhos do tecido, admirando o resultado de seu trabalho.

Muito bem.

O rasgão não existia mais.

Agora era hora de lavar todo aquele sangue sujo da prostituta.

## Capítulo 2

Banheiro / Quarto de vestir

**S**qweegel esfregou as mãos com o sabão em pó e ficou olhando a água rosada escoar pelo fundo da pia de porcelana branca. Outra vida triste escorrendo pelo ralo. Mas aquele sacrifício seria o prenúncio de algo novo. Alguma coisa maravilhosa. Ele se emocionava ao pensar.

Agora, no entanto, era o momento de coisas mais práticas, como a remoção dos pelos.

A lâmina de Sqweegel estava limpa, e a água, aquecida. A pele dele já estava umedecida com óleo vegetal — nada de creme de barbear. Seria como cortar a grama do jardim debaixo de uma camada de 15 centímetros de neve. Era preciso ver o que estava fazendo. Cada centímetro quadrado.

De cima para baixo. Primeiro as partes expostas: couro cabeludo. Rosto. Pescoço. Braços. Peito. Pernas.

A cada vez que passava a lâmina ele parava para limpá-la sob a água corrente. Pedacinhos de pelos pretos e flocos microscópicos de pele corriam em redemoinho pelo ralo até desaparecerem.

Depois, debaixo dos braços. As panturrilhas. Os tornozelos.

O roçar da lâmina sobre a pele. Uma pausa. Lavar a lâmina. Redemoinho.

Depois vinha a parte mais difícil — porém a mais gratificante — do processo: retirar os cabelos dos órgãos genitais e do ânus. Para fazer isso corretamente era preciso puxar os testículos até um ponto em que estivessem perfeitamente esticados, prontos para a passagem da lâmina. O posicionamento exigia tempo, às vezes mais do que cinco ou seis minutos. O percurso da lâmina, ao contrário, era sempre firme, estudado, cuidadoso.

Para depilar o ânus era necessária uma postura ainda mais elaborada. Os pés ficavam apoiados o mais alto possível na parede de ladrilhos do banheiro e o tórax curvado para a frente, a fim de facilitar o acesso. Com uma das mãos ele se mantinha firme e com a outra empunhava a lâmina. Era como se a base da espinha tivesse uma dobradiça e ele fosse capaz de dobrar-se ao meio. O ritual era sempre o mesmo: roçar a lâmina sobre a pele, fazer uma pausa, agitar a lâmina em uma bacia de água morna. Trabalhava calmamente, às vezes mantendo a posição por alguns minutos antes de passar novamente a lâmina.

Quanto mais pelos retirava, mas calmo se sentia, mais fácil lhe parecia manter a posição e mais próximo se sentia da pureza.

Mais perto chegava da salvação.

Em outro cômodo, Sqweegel inseriu a combinação do cadeado da geladeira, que ficava sempre na temperatura mais elevada possível, abriu-a e retirou quatro barras e meia de manteiga. Tinha procurado economizar e reduzir a quatro, mas a metade extra era realmente necessária. Cinco seriam demais e de qualquer forma não era uma solução.

Quatro barras seriam o ideal, pois cada pacote continha dois pares. O que queria dizer que cada grupo de oito pacotes exigia mais um, para ser usado em forma de meias barras.

Ele abriu cuidadosamente o envoltório de papel da primeira barra, partiu-a em dois pedaços e começou a esfregar com as mãos o peito e os ombros — primeiro a parte maior do corpo — antes de passar às extremidades. Cada membro gastava meia barra, assim como os órgãos genitais e o ânus. A manteiga tinha de ser distribuída de forma homogênea por todo o corpo. Nada de montes nem de vales.

A derradeira porção de manteiga, aproximadamente um quarto da última barra, era espalhada na parte da roupa que cobriria as solas dos pés. Era preciso muita prática para separar a quantidade exata necessária.

Agora, a roupa.

Fez uma pausa para uma última inspeção. A roupa estava colocada sobre um pedaço de plástico industrial no assoalho do quarto limpo, que durante os dias anteriores ele vinha mantendo imaculadamente higienizado.

Não havia orifícios e nem partes mais gastas no tecido. As peças dos três zíperes — as trilhas, os dentes, a parte móvel, as fitas e os engastes das extremidades — estavam todas em perfeito estado de funcionamento.

A roupa estava pronta, e ele também.

Começou a vestir a roupa, operação ensaiada, lenta e precisa. Um observador poderia compará-lo a um louva-a-deus de 1,65 de altura e 57 quilos tentando entrar em uma crisálida fina e branca feita sob medida para seu corpo de inseto. Bem, isso se o observador tivesse paciência para presenciar todo o procedimento, que levava quase duas horas. Ele não se preocupava com o tempo, concentrando-se na tarefa que tinha diante de si. Aquela meia barra na verdade não fazia grande diferença. A limpeza, o plástico, a remoção dos pelos, a manteiga e a roupa.

Tudo isso levava àquele momento.

Voltou-se devagar para o espelho, retardando a satisfação o máximo possível, mas era difícil, muito difícil. Ergueu os braços finos para o ar, como se saudasse alguma coisa no espaço.

Virava-se, virava-se, *virava-se*, sem nada ouvir a não ser o leve bater de seu coração no tórax.

Finalmente, o espelho captou-lhe a imagem.

Ah, *lá* estava ele.

Ninguém.

## Capítulo 3

Filмотeca / Sala de exibição

**S**qweegel desceu dois lances de escadas até o porão escuro e úmido. A pintura das paredes havia se desgastado em certas partes, revelando a madeira. Sempre lhe lembrava as costelas da carcaça de um animal de grande porte. Um animal despedaçado por outro, maior e mais selvagem.

Tinha vontade de passar os dedos sobre as ripas de madeira, como fazia quando criança, mas alguma farpa naquele momento poderia fazê-lo voltar ao quarto de costura, e ele estava ansioso demais para assistir ao filme que tinha em mente. Já tinham se passado mais de dez anos, mas desde cedo ele vinha pensando naquilo. Aquele filme invadira sua imaginação, sem pedir licença.

Somente mais tarde compreenderia por que aquilo era um sinal.

Assim funcionava a mente de Sqweegel, por meio de conexões subconscientes que mais adiante o ajudariam em sua missão.

A missão mais importante de sua vida mortal.

Abaixo do nível do pavimento térreo, o ar tinha um odor não apenas de morte, mas também de muitas mortes em disputa entre si. Era um doce perfume de sofrimento, com notas aromáticas paciente-

mente colecionadas ao longo das últimas quatro décadas. Nenhum outro lugar do mundo tinha aquele odor; isso não era possível em lugar algum. Inebriava instantaneamente.

Entrou em um pequeno quarto, no primeiro patamar. A alcova era forrada de prateleiras de madeira feitas sob medida, com quase todo o espaço ocupado por embalagens de filmes.

O polegar ossudo, coberto de látex, percorreu os rótulos.

### **Vagabunda ruiva antes do casamento**

17/4/92

Bastava o texto do rótulo para despertar lembranças parciais: o vestido branco, rasgado e embolado em um canto da masmorra. A pálida noiva tremendo, perguntando que mal tinha feito, debatendo-se contra os laços que a amarravam. Sqweegel dizendo a ela: *Você não sabe nada sobre pureza. Usar aquele vestido é uma afronta, e agora eu vou mostrar a você o que é estar nua diante de Deus...*

Depois, outro rótulo e outras lembranças.

### **Putá vaidosa do noticiário de TV**

11/9/95

Ah, Sqweegel lembrava-se *daquela* com vívidos detalhes. Ela tinha achado que a série sangrenta de assassinatos iria ser sua grande oportunidade. Crescimento da audiência. Um contrato para um livro. Vangloriara-se diante dos colegas que seria ela quem resolveria o caso, que aquilo se tornaria sua *marca* pessoal. Precisava de uma lição de humildade e Sqweegel ficou contente em poder proporcioná-la: a própria câmera de vídeo dela explorando partes do corpo que ela jamais vira antes. As partes úmidas, sujas, ocultas, iluminadas e filmadas com perícia e em seguida enviadas pelo correio à emissora para que os telespectadores as vissem...

### Mãe orgulhosa que desprezava o filho

30/3/97

*Você traz com esforço uma vida ao mundo e depois lhe dá as costas? Vou lhe mostrar o que acontece quando Deus vira as costas para você, minha filha...*

O polegar finalmente parou diante do filme que ele desejava ver.

### Vadia amante do senador

28/7/98

Sqweegel tirou a caixa da prateleira e levou-a à sala de exibição no pavimento inferior. Era uma sala de home-theater à prova de som, construída muito antes que essas coisas se tornassem moda. Não havia CD, nem mesmo vídeo; nada era melhor do que as imagens cruas dos filmes, passando à velocidade de 24 quadros por segundo.

Depois de colocar o rolo do filme no projetor e ajustá-lo, Sqweegel sentou-se em uma poltrona de couro já bastante gasta no centro da sala e deixou-se inundar com as imagens da tela.

Sqweegel ofegava, excitado. Tirou o membro viril da roupa de assassino e começou a acariciá-lo, inicialmente devagar.

À medida que o filme ia passando, a mão se movia mais rápida, mais violentamente, sem que seus olhos se desviassem da tela.

Há algum tempo não via aquele. Tinha se esquecido de que era muito bom.

Tinha se esquecido de como eram as *entranhas* dela.

Sqweegel reenrolou o filme e assistiu de novo. Sabia que iria repetir dezenas de vezes até a madrugada. Estivera vendo tantos filmes sobre segurança nos dias anteriores que precisava de uma pequena diversão — uma espécie de limpeza mental. Um lembrete de quem era e do que era capaz de fazer em nome do Senhor.

A contagem regressiva do filme surgiu na tela: 10, 9, 8...

grau 26

Para assistir ao filme acesse [grau26.com.br](http://grau26.com.br) e digite o código: